

LA FAMILIA DE PASCUAL DUARTE: UMA ANÁLISE CONTRASTIVA DAS PARÊMIAS NA TRADUÇÃO DO PAR LÍNGUÍSTICO ESPANHOL / PORTUGUÊS

Vanessa Pereira da Fonseca¹
Luís Carlos Ramos Nogueira²

Resumo: O presente trabalho compreende um estudo contrastivo dos Enunciados Fraseológicos, mais especificamente dos provérbios, no par linguístico espanhol/português da obra *La Familia de Pascual Duarte*. Os objetivos se concentraram em mapear tais provérbios no texto de partida e identificar no texto de chegada as estratégias do tradutor para dizê-los novamente. Para tanto, adotou-se a perspectiva da (Re)enunciação fraseológica de Ramos-Nogueira (2017). A metodologia guiou-se por uma classificação dos provérbios tradicionalmente conhecidos e àqueles passíveis de corresponder a uma criação do autor, devidamente definidos e contextualizados. As parêmiias se revelaram como um importante instrumento de representação da oralidade e da sabedoria popular no estilo literário de Camilo José Cela.

Palavras-chave: Tradução; Espanhol-português; Paremiologia; Provérbios; La Familia de Pascual Duarte.

Abstract: This work comprises a contrastive study of the Phraseological Statements, more specifically the proverbs in the Spanish/Portuguese language pair of the novel *La Familia de Pascual Duarte*. The objectives focus on mapping the proverbs in source text and identifying in the target text the translator's strategies for saying them again. For this purpose, the perspective of phraseological (re)enunciation by Ramos-Nogueira (2017) was adopted. From the mapping of these units in the work under analysis, a classification of traditionally known proverbs and those likely to correspond to an author's creation was carried out. Subsequently, information was collected regarding the selected units. Throughout the work, a broad use of proverbial paremia was identified in order to support the hypothesis that paremias are important instruments of representation of orality and popular wisdom in the literary style of Camilo José Cela.

Keywords: Translation; Spanish-Portuguese; Paremiology; Proverbs; *La Familia de Pascual Duarte*.

¹ Estudante de graduação do curso de Letras Tradução Espanhol da Universidade de Brasília (UnB) - vanessa.fonseca05@hotmail.com.

² Doutor em Linguística Geral e Teoria da Literatura e professor do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET) do Instituto de Letras da Universidade de Brasília (UnB), com pesquisa voltada para a fraseologia contrastiva, teoria da tradução, tradução pedagógica, ensino de espanhol para tradutores em formação, tradução literária e tradução relacionada com a cultura - luiscarlos.lucanog@gmail.com.

Introdução

O presente trabalho integra as atividades desenvolvidas pelo grupo de pesquisa (Re)enunção Fraseoparemiológica (ReEnunfrapa) e foi gerado no âmbito do Programa de Iniciação Científica. Seu foco recai sobre a análise contrastiva das parêmiias do par linguístico espanhol-português, com ênfase na variante brasileira como língua de chegada. Concretamente, trata-se de um estudo dos provérbios presentes na obra *La Familia de Pascual Duarte*, de Camilo José Cela (1916-2002), a partir de uma perspectiva dos Estudos da Tradução.

Cela é autor habilidoso em tecer uma malha textual recheada de grande parte das informidades citadas por Berman (2007) e que, no fim das contas, convergem para a criação de um estilo próprio, reconhecido mundialmente pela sua excelência e coroado, merecidamente, com o Nobel de Literatura de 1989. Na arte de tecer tal malha o autor se vale, entre outras estratégias, das Unidades Fraseoparemiológicas (UF) para isso. Em um terreno tão fértil e tão rico em detalhes, procuraremos realizar um recorte no âmbito das parêmiias e o uso que o autor faz dessas unidades na obra analisada.

A parêmia entendida como arquilexema que abriga várias subcategorias, está presente na comunicação humana desde tempos imemoriais. Este fato se comprova facilmente se tomarmos como exemplo Os Provérbios de Salomão (século X a.C). Sua presença pode ser identificada com a mesma facilidade nas grandes obras, dos grandes mestres da literatura.

Se considerarmos como referência a literatura da língua espanhola, ponto de partida do par linguístico deste trabalho, é possível reconhecer a presença da parêmia em obras tão remotas quanto icônicas. É o caso do Quixote de Miguel de Cervantes, publicado pela primeira vez em 1605, ou ainda *A Celestina*, cuja autoria é atribuída a Fernando de Rojas, durante o século XV. No primeiro exemplo, o personagem Sancho Panza se comunica, na maioria das vezes, por meio de parêmiias e com tal habilidade em seu manuseio, ao ponto de obter o reconhecimento de seu próprio amo, D. Quixote. No segundo exemplo, as parêmiias funcionam como uma espécie de fio condutor na construção dos personagens, já que cada um deles pode ser identificado por meio do tipo de frase que costuma proferir.

Ainda que estabelecer uma comparação entre os autores não seja um dos objetivos a que nos propomos, salta aos olhos a coincidência que os une quanto à representação da sabedoria popular. Cela, tal como Cervantes e De Rojas, em sua destreza ao manipular a língua espanhola, utiliza as parêmiias, sobretudo, para trazer à luz um conhecimento secular, salientando aspectos culturais reconhecidos universalmente, tais como a religião e a mitologia, entre outros. Ao mesmo tempo, apresenta-nos um ambiente rural, tipicamente espanhol em que, pela boca de seus personagens, propõe aos seus leitores uma espécie de desafio. Desse modo, estes são convidados a identificar e decifrar um generoso número de construções fixas, sob o formato da parêmia que, ele, o autor, trata de criar e plasmar em sua malha textual.

Todo esse jogo linguístico realizado por meio das parêmys, presentes na obra de Cela, representam uma dificuldade que, a princípio, o tradutor não é capaz de mensurar até que comece, de fato, sua primeira leitura exploratória e se dê conta dos problemas reais a serem solucionados durante sua tarefa. Nessa perspectiva, nosso objetivo geral é reconhecer e interpretar as parêmys presentes na obra de Cela, bem como procurar identificar em sua tradução para o português, quais estratégias foram utilizadas para (re) enunciar essas unidades.

A partir do objetivo geral estabelecido, é preciso rever conceitos e teorias incorporados aos Estudos da Tradução em uma época em que essa área ainda dava seus primeiros passos na pesquisa científica e se apoiava com alguma exclusividade na linguística, sendo considerada por Vinay e Darbelnet como uma disciplina exata (Cf. MOUNIN, 1975 [1963]). Quiçá, essa estratégia adotada, provavelmente em busca de credibilidade e respeito na comunidade científica tenha funcionado bem a princípio, levando-se em conta o momento pelo qual passava Os Estudos da Tradução. Entretanto, hoje em dia já não faz mais sentido seguir adotando o termo equivalência, em sua acepção mais dura e sem alguma reflexão, ao menos no que se refere à tradução literária e à tradução das unidades fraseoparemiológicas, de um modo especial.

Entendemos que o termo equivalência limita a tradução dessas unidades, uma vez que nem sempre um provérbio, recorte que aqui adotamos para nossa pesquisa, poderá contar com um equivalente na língua de chegada. Newmark (1992 [1987]) já considerava infeliz o termo “equivalência” por indicar uma aproximação e não uma totalidade. Talvez, por esse motivo, esse autor tenha considerado três versões para esse termo em seus procedimentos de tradução, tais como: equivalente cultural; equivalente funcional; equivalente descritivo. Além disso, é preciso lembrar que a equivalência é tão somente um entre os sete procedimentos de tradução propostos Vinay e Darbelnet (1995 [1958]). Ainda assim, parece ter havido uma concentração de esforços sobre o termo “equivalência” enquanto que, na mesma proporção, foram negligenciados os outros procedimentos.

Snell-Hornby (1999) refuta o uso do termo *equivalence*. Para essa autora, trata-se de uma falácia o pensamento de que haveria uma simetria entre as línguas e que isso permitiria uma equivalência. Para ela, *equivalence* tem sido usado na linguagem técnica de diversas ciências exatas, assim como no âmbito do vocabulário geral e dessa maneira, com uma acepção híbrida, foi introduzido no universo da tradução. Na matemática, por exemplo, *equivalence* indica simetria absoluta e reversibilidade. Para o fraseólogo Zuluaga-Ospina, (2001) as equivalências são unidades de texto e nem sempre coincidem com as correspondências, que são unidades do sistema. Esse autor prefere o termo “correspondência” por defender que a equivalência é algo unidirecional, isto é, funciona do texto de partida para o texto de chegada, mas a relação contrária não se estabelece.

Tampouco nos interessa a correspondência formal de Catford (1980), por dizer

respeito à relação entre as categorias gramaticais e encontrar-se ainda muito mais presa aos rigores da pesquisa linguística daquela época do que aberta às peculiaridades da tradução de um texto literário. Assim, preferiremos o simples termo “correspondência” por nos oferecer uma noção de aproximação, de adequação. O dicionário *Houaiss* nos apresenta as seguintes acepções para o termo “correspondente”: que corresponde; que apresenta analogia, similitude; que se adequa a; conveniente, adequado.

Após essa reflexão, preferimos adotar a *(Re)Enunciação Fraseológica*, uma perspectiva mais ampla, defendida por Ramos-Nogueira (2017) em sua tese doutoral relacionada às locuções. Seu lema é que qualquer UF, de um modo ou de outro, pode ser enunciada novamente. Esse pesquisador do universo fraseoparemiológico e sua interface com os Estudos da Tradução argumenta que:

A (re)enunciação fraseológica representa mais que a mera substituição de uma unidade por outra. Ademais, abriga uma ampla gama de possibilidades de incorporação de uma unidade original a outra língua. Tais possibilidades podem variar entre: encontrar uma locução correspondente na língua-alvo, total ou parcialmente; encontrar na língua-alvo um único lexema que seja capaz de resumir a locução original, sob o risco de que tal ação possa gerar alguma perda de sua expressividade; servir-se da paráfrase para explicar a locução original, sob o risco de incorrer em uma tradução exagerada; conservar parte ou toda a locução original, como produto do empréstimo de um ou mais termos – nesses casos são bem-vindas as notas explicativas; criar uma locução na língua-alvo, como produto do decalque, mesmo que carente de fixação e convencionalização; ou em último caso, omitir a locução e apresentar alguma forma de compensação textual por sua perda. O certo é que sempre haverá uma forma de (re)enunciar a locução em seu novo contexto. Sempre haverá uma maneira de dizê-la novamente, ainda que não seja a ideal, a perfeita. Todas essas possibilidades se resumem a (re)enunciação. (RAMOS-NOGUEIRA, 2017, p. 211).³

Para levar a cabo nosso trabalho estabelecemos uma ordem das prioridades a serem tratadas. Antes de tudo, é preciso conhecer um pouco do autor e de sua obra. Em segundo lugar, é igualmente importante esclarecer que as parêntias fazem parte do acervo linguístico e cultural de uma comunidade de falantes (de qualquer que seja a

³ Tradução nossa para o original em espanhol: “la (re)enunciación fraseológica representa más que la mera sustitución de una unidad por otra. Es más, alberga una amplia gama de posibilidades de incorporación de una unidad original a otra lengua. Dichas posibilidades pueden variar entre: encontrar una locución correspondiente en la lengua meta, total o parcialmente; encontrar en la lengua meta un único lexema que sea capaz de resumir la locución original, so pena de que tal acción pueda generar alguna pérdida de su expresividad; servirse de la paráfrasis para explicar la locución original, so pena de incurrir en una sobre traducción; conservar parte o toda la locución original, como producto del préstamo de uno o más términos– en estos casos son bienvenidas las notas explicativas–; crear una locución en la lengua meta, como producto del calco, aunque que carente de fijación y convencionalización; o en último caso, omitir la locución y presentar alguna forma de compensación textual por su pérdida. Lo cierto es que siempre habrá una forma de (re)enunciar la locución en su nuevo contexto. Siempre habrá una manera de decirla nuevamente, aunque no sea la ideal, la perfecta. Todas esas posibilidades se resumen a ‘(re)enunciación’”

língua). São construções que representam seus habitantes no que se refere à sua visão de mundo, seus valores, suas crenças, suas tradições, enfim, sua cultura como um todo. Marcam uma época e integram passado e presente. Do mesmo modo, é fundamental conhecer um pouco da história da paremiologia, por meio de seus estudiosos mais destacados. Realizadas as reflexões necessárias, passamos a apresentar os resultados obtidos, seguidos de nossas considerações finais.

1 Sobre o autor e sua obra

A obra que aqui analisamos foi o primeiro livro em prosa do espanhol Camilo José Cela (1916-2002), publicado pela primeira vez em 1942 e figura entre os mais traduzidos da língua espanhola. A versão brasileira utilizada neste trabalho foi realizada por Janer Cristaldo e corresponde à segunda edição publicada pela Editora Bertrand Brasil, em 1989.

La Familia de Pascual Duarte é fundadora de uma vertente da literatura espanhola do século XX conhecida como Tremendismo. Trata-se de um estilo, célebre pelo tom exagerado com o qual retrata os fatos e os personagens da vida real. Muitas vezes melancólico e existencialista, o Tremendismo apresenta protagonistas (e antagonistas) que se movem num ambiente hostil e marginalizado. Tudo é feito à propósito, com a intenção de chocar o leitor com um realismo extremo e fatalista que, invariavelmente, dialoga com outros gêneros espanhóis, tais como a novela picaresca, o naturalismo e o romance social.

Em breves palavras, a trama se resume ao histórico de um assassino primitivo e violento, vítima da própria sorte. Condenado à morte pela morte de sua mãe, Pascual Duarte, protagonista e narrador do romance ao mesmo tempo, conta o drama de sua vida desde a infância, da cela onde espera pela sua execução. Exposto à violência do pai, que o espancava com frequência e aos abusos da mãe alcoólatra, Pascual Duarte é incapaz de controlar sua própria impulsividade e imprudência. Isso pode ser notado quando sente uma “sensação de alívio” correndo nas veias depois de matar sua mãe.

Cela dá voz a um homem do campo que habita a região da Extremadura (ES). Rude, extremamente violento e incapaz de se relacionar com seus semelhantes, ele se expressa por meio da única referência que conhece, a natureza. O autor é coerente ao oferecer ao protagonista-narrador outra possibilidade de comunicação: o uso das parênticas. Entre algumas unidades fraseoparemiológicas, o uso dos provérbios muitas vezes se apresenta como forma eficaz de enunciar o pensamento de Pascual Duarte.

Afinal de contas, para um homem parco de letras e de conhecimentos como é o protagonista de nossa história, um provérbio parece ser umas das formas mais eficazes de enunciar o seu pensamento. Nessa perspectiva, o provérbio cumpre perfeitamente esse papel, já que se trata, majoritariamente, de uma tradição oral, repetida no discurso de determinada comunidade linguística e transmite uma verdade, desde que haja um

acordo tácito entre seus membros que sejam capazes de reconhecer seu significado conotativo.

O autor, reconhecido pela sua capacidade de reproduzir em suas obras a naturalidade da fala de seus personagens, é mestre em emprestar seu talento literário tanto para representar o homem da grande metrópole – como bem o faz em *La Colmena*, quanto o homem do campo, como o faz em *La Familia de Pascual Duarte*, base deste estudo.

2 Paremiografía e paremiologia

O início dos estudos paremiológicos acontece a partir do nascimento da paremiografía, cujos registros existem desde a Idade Média, e tem por finalidade a conservação das parêmiias por meio da compilação e da sistematização desses enunciados. Desde então, foram realizadas compilações com diversos critérios de classificação.

Tomemos como exemplo o trabalho precursor *Refranes que dicen las viejas tras el fuego*, do Marquês de Santillana, Íñigo López de Mendoza, em 1541. Vale mencionar o dicionário *Tesoro de la lengua castellana o española*⁴, de Sebastián Covarrubias Orozco, publicado em 1611, ou ainda *Vocabulario de refranes y frases proverbiales*, de Gonzalo Correas, pela editora Castalia, do ano 2000, mas publicado pela primeira vez em 1627, entre tantos outros. A bem da verdade, é preciso dizer que sempre houve interesse pelas parêmiias como parte integrante do discurso humano, e sua presença se faz notar desde a existência das comunidades anteriores ao nascimento de Cristo, passando pela Idade Média, pelo Renascimento, até a contemporaneidade.

Atualmente, devido ao desenvolvimento da tecnologia, é possível aplicar vários critérios em uma única compilação. Como exemplo, podemos citar o *Refranero Multilingüe*⁵ do Instituto Cervantes, por meio do qual é possível realizar a busca por idioma, tipo de parêmia, tema (ideia chave) e por palavra. Apesar de sua longa existência, há ainda espaço para a expansão e o aperfeiçoamento das atividades paremiográficas, tendo em vista a disponibilidade de ferramentas tecnológicas que possibilitam a utilização de vários critérios de classificação das compilações das parêmiias, assim como a facilidade de seu acesso.

De acordo com Sevilla Muñoz (2012), a paremiologia, em seu sentido mais original, pode ser definida como uma disciplina que tem por objeto de estudo as parêmiias sob vários enfoques: linguístico, tradutológico e didático. Segundo essa autora, a paremiologia moderna nasce no século XX, com a obra *The Proverb*, de Archer Taylor, publicada inicialmente em 1931, desenvolvendo-se e consolidando-se a partir de então. No que diz respeito à paremiologia espanhola, ela se inicia a partir da teoria de Casares ([1950]/1992), com seu livro *Introducción a la lexicografía moderna*. Desde o início, a

⁴ Esta obra se encontra digitalizada e está disponível em: https://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/del-origen-y-principio-de-la-lengua-castellana-o-romance-que-oy-se-vsa-en-espana-compuesto-por-el-0/html/00918410-82b2-11df-acc7-002185ce6064_12.html

⁵ <https://cvc.cervantes.es/lengua/refranero/Default.aspx>

paremiologia conta com um grande número de estudiosos em diversos países, além de universidades, centros de pesquisa, fundações, instituições de língua, associações interessadas na conservação do acervo popular.

Desde então, tem-se buscado uma definição conceitual do objeto de estudo da disciplina, as parêmiias, não sem antes haver alguma discordância entre os fraseoparemiólogos quanto à terminologia a ser utilizada para se referir ao seu objeto de estudo. O próprio Casares (1992), considera que é preciso atribuir o estudo dos *refranes* à paremiologia, guardados os devidos cuidados quanto à alternância dos termos *refrán* e *proverbio* em língua espanhola e sua correspondência em português. Apesar de não haver uma clara distinção entre um e outro tanto em dicionários espanhóis quanto brasileiros, o fato é que sempre houve certa confusão terminológica envolvendo ambos os termos.

Abolata (2016) nos adverte sobre a resistência à definição e categorização que possuem os *refranes*, considerando o uso desse termo em espanhol. Já que os dicionários acabam por entender refrão como provérbio e vice-versa, sem nos oferecerem esclarecimentos suficientes para qualquer distinção com alguma fundamentação plausível, é preciso aprofundar um pouco mais essa pesquisa.

O’Kane (1959) *apud* Abolata (2016) afirma que ainda na Espanha da Idade Média, notava-se nitidamente a diferença no uso dos termos: *proverbio* era adotado para designar uma sabedoria sentenciosa e *refrán* para se referir ao dito popular. Em outras palavras, *refrán* se referiria ao que se encontrasse no âmbito do oral e popular, enquanto que o *proverbio* se localizaria no âmbito do culto e erudito.

O certo é que, considerando o universo da tradução envolvido neste trabalho, é preciso salientar que, por mais tentadora que se apresente a possibilidade, a correspondência ideal para *refrán* em português, não é “refrão”, como tão natural soa aos ouvidos. Trata-se de uma ilusão na qual queremos acreditar, talvez por parecer ser um caminho mais lógico e, provavelmente, motivada pelo traiçoeiro tema dos falsos cognatos, tão presente no par linguístico espanhol-português. Mas, é preciso lembrar ainda que no âmbito dos Estudos da Tradução, esse caminho mais fácil fatalmente nos conduziria a um problema maior. Em seus estudos, Chacoto (2010; 2012) assevera que no português lusitano, o termo mais adequado para se referir a uma parêmia seria *provérbio*, especialmente aquela de cunho popular, da qual não se sabe o autor. Já Cruz (2020) afirma, categoricamente, que a equivalência para *refrán* no português brasileiro é “provérbio”. Desse modo, o termo “provérbio” que aqui utilizaremos em português corresponderá, sempre, a *refrán*, em espanhol.

Entretanto, Muniz (2020) ressalta que é preciso ter cuidado com o uso do termo “provérbio” em território brasileiro. Essa autora nos lembra que, se por um lado, há uma tendência na área científica da utilização de “provérbio” para designar uma parêmia; por outro, é importante perceber a falta de distinção que há no que diz respeito aos termos “provérbio” e “dito” entre os falantes comuns da língua. Para Muniz (*op.*

cit.), “provérbio” está vinculado a um saber que está escrito, que remete, ainda que intuitivamente, a uma dimensão sagrada e de valor bíblico (*Diz-me com quem andas e te direi quem és*). Na mão contrária, estariam os “ditos” relacionados ao burlesco, ao festivo, sem ligações diretas com o solene (*Água mole em pedra dura tanto bate até que fura*).

Ainda sobre o tema dos termos adequados para designar as unidades paremiológicas, Casares (1992) considera que há uma zona não muito bem definida entre as locuções e os *refranes* propriamente ditos. Essa zona seria confusa e estaria povoada de gírias, expressões e frases proverbiais. Entretanto, o próprio Casares trata de esclarecer o que são frases proverbiais e o que são *refranes*. O primeiro tipo seria de uso vulgar e expressaria uma sentença a título de verdade (*Cada uno hace de su capa un sayo*). O segundo caso configura “uma frase completa e independente, que num sentido direto e alegórico, e geralmente em forma sentenciosa e elíptica, expressa um pensamento relacionado à experiência, ao ensino, à admoestação, etc.”⁶ (p.192). *Dios le ayuda a quien madruga* é um exemplo do autor para este último caso.

Zuluaga (1980) opta por um termo mais amplo: *enunciado*, em detrimento de outros. Para esse autor, *enunciado* é, “antes de tudo, o produto linguístico de um ato de fala” (p.191). Assim, subdivide os enunciados fraseológicos em duas categorias: 1) frases (clichês: *Cómo no*; fórmulas: *Érase una vez*; ditos: *Aquí fue Troya*) e 2) textos (refrãos: *Cria cuervos y te sacarán los ojos*; *Al buen; entendedor, pocas palabras bastan*; *El hombre propone y Dios dispone*).

Carneado Moré (1982) e Tristán Pérez (1985) *apud* Corpas Pastor (1996) utilizam o termo *expresiones fraseológicas*, que abriga refrãos, provérbios, clichês e outras formações (*Chivo que rompe tambor con su pellejo paga*), sob alguma influência dos estudos de Casares, na Espanha e dos antigos estudos soviéticos que, por sua vez, influenciaram Casares.

Já Corpas Pastor (1996) dedica a Esfera III de seu esquema fraseoparemiológico para tratar do termo mais amplo *enunciados fraseológicos* que, por sua vez se subdivide em: a) parêmsias (1. Enunciados de valor específico: *Las paredes oyen*; *Ahí duele*; 2. Citações: *El hombre es un lobo para el hombre*; 3. Refrãos: *Por la boca muere el pez*; *Un día es un día*) e b) Fórmulas rotineiras: 1. Discursivas: *¿Qué hay?*, *Hasta luego*, *A eso voy*; 2. Psicossociais: expressivas: *Lo, siento, y Lo creo, Ni hablar, Dios se lo pague, Qué se le va a hacer, ¡A mí, plin!*; comissivas: *Ya te apañaré*; diretivas: *Largo de aquí, Tú dirás, No es para tanto*; assertivas: *Por mis muertos, No te digo*; rituais: *¿Qué es de tu vida*; *Le saluda atentamente*; miscelânea: *Pelillos a la mar*.

A realidade que se conhece hoje é de que a paremiologia é uma disciplina que se encontra em pleno processo de consolidação, com um número crescente de estudiosos que pesquisam e contribuem para o desenvolvimento dessa área no âmbito científico. O

⁶ Tradução nossa para o original em espanhol: *una frase completa e independiente, que en sentido directo o alegórico, y por lo general en forma sentenciosa y elíptica, expresa un pensamiento -hecho de experiencia, enseñanza, admonición, etc.~*

termo *paremiologia* funciona como um guarda-chuva que abriga um generoso número de subcategorias. Justamente por encontrar-se ainda em processo de consolidação há, entre os paremiólogos, algum desencontro quanto à terminologia utilizada para denominar as categorias que configuram o objeto de estudo dessa disciplina.

Não obstante, revela-se importante definir o que parece ser um consenso entre os estudiosos sobre o que é uma parêmia, além de apresentar sua taxonomia. Disso nos ocuparemos no tópico seguinte.

3 Parêmiias: provérbios e *refranes*

O termo “parêmia” se origina do grego clássico *παροιμία*. Sevilla Muñoz (2013, p. 106) nos ensina que “uma parêmia é uma unidade fraseológica (UF) constituída por um enunciado breve e sentencioso, que corresponde a uma oração simples ou composta, que esteja fixa na fala e faça parte do acervo sociocultural de uma comunidade”⁷

Segundo Hasmik Baghdasarián (2017, p. 495), “a parêmia é um tipo de texto culturalmente marcado, onde se refletem os estereótipos nacionais de conduta, os códigos culturais característicos de um povo [...] são unidades lógicas que expressam um juízo”⁸

3.1 Taxonomia das parêmiias

Quanto à definição e classificação das parêmiias, existem hoje diversas propostas, que levam em consideração vários aspectos, sejam eles formais, semânticos e pragmáticos.

De acordo com Sevilla Muñoz e Crida Álvarez (2013), as parêmiias podem ser classificadas, observando-se sua origem (conhecida ou anônima) e seu uso (culto ou popular). Dentre os tipos de parêmiias, podemos citar: aforismo, frase proverbial, locução proverbial, dialogismo e provérbio.

- **Aforismo:** de origem conhecida, de uso culto e alto grau de fixação. São sinônimos de aforismo as máximas, apotegmas e sentenças.
Exemplo: *Conócete a ti mismo* (atribuído a Tales de Mileto).
- **Frase proverbial:** de origem anônima e de uso popular, possui estrutura unimembre, não contem elementos mnemotécnicos, baseia-se na experiência e possui valor de verdade universal, podendo apresentar elementos de humor.
Exemplo: *Solo se vive uma vez*.

⁷ Tradução nossa para o original em espanhol: *Una paremia es una unidad fraseológica (UF) constituida por un enunciado breve y sentencioso, que corresponde a una oración simple o compuesta, que se ha fijado en el habla y que forma parte del acervo socio-cultural de una comunidad hablante.*

⁸ Tradução nossa para o original em espanhol: *La paremia es un tipo de texto culturalmente marcado, donde se reflejan los estereotipos nacionales de conducta, los códigos culturales característicos de un pueblo[...] son unidades lógicas que expresan un juicio..*

- **Locução proverbial:** de origem anônima e de uso popular. É flexível quanto ao tempo verbal, baseia-se na experiência e possui valor de verdade universal, podendo apresentar elementos de humor.
Exemplo: *Juntarse el hambre con las ganas de comer.*
- **Dialogismo:** de origem anônima e de uso popular, compõe-se de duas partes ou mais. Baseia-se na experiência e não possui valor de verdade universal, podendo apresentar elementos de humor.
Exemplo: *Dijo la sartén a la caldera: “Quítate allá, culinegra/ojinegra”.*
- **Provérbio:** de origem anônima e de uso popular, compõe-se de duas partes. Baseia-se na experiência e possui valor de verdade universal, podendo apresentar elementos de humor, em sua maioria.
Exemplo: *Perro ladrador, poco mordedor.*

Sobre a definição de *refrán*, Sevilla Muñoz (2013, p. 111) assevera que:

É uma parêmia de origem anônima e de uso popular, cuja estrutura é geralmente bimembre, com presença de elementos mnemotécnicos, com potencial presença de elementos anedóticos, baseado na experiência e com valor de verdade universal, em sua grande maioria”⁹.

Ter clareza sobre a definição e classificação das parêmias é importante para expressar que o domínio sobre tais conceitos faz parte da competência linguística e desta maneira, contribui significativamente para o desenvolvimento das habilidades tradutórias de um profissional da área, assim como fomenta o interesse de pesquisadores e estudantes sobre o tema.

Sendo o *refrán* aquele termo utilizado para representar as parêmias de uma forma generalizada, é fundamental para o tradutor ser capaz de reconhecer as propriedades que o caracterizam.

3.2 Características intrínsecas de um *refrán*

Para além da definição de Sevilla Muñoz (*op.cit.*) para *refrán*, García-Page Sánchez (1990) se debruça sobre as propriedades linguísticas do *refrán*, especialmente no que se refere ao componente fônico que, para esse autor, parece ser determinante na configuração da maior parte desse tipo de UF, chegando ao ponto de condicionar a presença e o comportamento das demais convenções. Assim, devido ao protagonismo

⁹ Tradução nossa para o original em espanhol: [...]*es una paremia de origen anónimo y uso popular, cuya estructura es generalmente bimembre, con presencia de elementos mnemotécnicos, con potencial presencia de elementos jocosos, basado en la experiencia y con valor de verdad universal, en su gran mayoría.*

do componente fônico, é possível que haja sacrifícios de outra ordem, como a deformação de palavras, a distorção gramatical ou léxica.

É comum que o elemento fônico contribua para o destaque de um *refrán*, ao funcionar como um inciso, dentro de uma mensagem mais extensa. Ex: “*Ahí está bien también –dijo Sancho– lo que algunos desalmados dicen: «No pidas de grado lo que puedes tomar por fuerza»; aunque mejor cuadra decir: «Mas vale salto de mata que ruego de hombres buenos»* (CERVANTES, [1605]/2004).

Outra característica que costuma contribuir para o protagonismo do componente fônico é a versificação da frase. A utilização de rimas se destaca como um dos principais recursos na construção de um *refrán*, uma vez que ajuda a marcar o ritmo e, certamente, contribui para sua assimilação e fixação pelo falante. Ex: *Agua corriente, agua inocente; La cruz en los pechos, y el diablo en los hechos*. Isso faz sentido se levarmos em consideração que a transmissão de um *refrán* se dá, basicamente, por via oral.

Sendo a rima, juntamente com outros artifícios fônicos elementos importantes na composição do *refrán*, é possível encontrar algumas variantes de uma mesma frase, com vistas à manutenção dessa figura de linguagem. Ex: *Quien feo ama, hermoso le parece; Quien lo feo ama, bello le halla*. Da mesma forma, é possível notar que, com o objetivo de forçar uma rima ou um jogo de palavras, os nomes próprios são presença constante na formação de certos *refranes*. Ex: *Por Lázaro, laceramos; por los Ramos, bien andamos*.

Além dos aspectos fônicos, García-Page Sánchez (1997) dedica seus estudos à reflexão sobre a presença dos arcaísmos na composição dos *refranes*. Exemplo: *Quien tiene suegra, cedo le muera*. Esse autor nos lembra que um grande número de *refranes* nasceram ainda na Idade Média, quando o castelhano ainda se encontrava em um estado primitivo de sua formação.

4 Paremiologia e tradução

As parêmiias não são apenas enunciados fraseológicos com um significado conotativo. Elas representam a visão de mundo, a história e a sabedoria de uma cultura específica. Expressam-se por meio das parêmiias: os estereótipos, os códigos culturais, os culturemas próprios de uma comunidade e também aqueles conhecimentos compartilhados universalmente, às vezes populares, oriundos do conto e da fábula; outras vezes cultos, procedentes da literatura, da religião, da mitologia greco-romana, entre outras possibilidades. Dessa forma, é preciso que se reforce que a tradução das parêmiias não se resume a buscar um correspondente na língua de chegada. Há que se aprofundar no entendimento do contexto em que estão inseridas. Nesse sentido, as atividades paremiográficas se apresentam como um importante instrumento a favor dos tradutores.

Entretanto, é fundamental que o tradutor esteja consciente que, por mais que, uma grande parte das parêmiias possam encontrar alguma correspondência em português por terem sua origem numa cultura compartilhada por ambas comunidades linguísticas (espanhola e brasileira), é possível que isso não aconteça em alguns casos.

Assim, a depender do contexto no qual estão inseridas tanto o texto original quanto o texto traduzido, é possível que haja uma referência cultural que seja comum, como por exemplo, entre as línguas latinas. São exemplos desse tipo de relação de proximidade o caso do português/espanhol, ou do espanhol/francês. E, mesmo entre línguas próximas, podem existir situações em que não haja correspondências.

Nessa perspectiva, vale lembrar que é provável que algumas unidades procedentes das coplas ou da literatura espanhola podem não ter reconhecimento em solo nacional. Afinal de contas, toda unidade fraseoparemiológica, qualquer que seja ela, precisa ser repetida, encontrar acolhida e contar com alguma convencionalização entre os falantes. Isto é, qualquer unidade fraseoparemiológica precisa ter seu significado conotativo (a metáfora que representa) muito claro entre os membros de um grupo.

É, pois, tarefa do tradutor saber identificar essas unidades no texto, distinguindo entre construções livres e construções fixas; interpretar corretamente o seu significado conotativo; analisar a existência ou não de elementos culturais semelhantes entre a língua de partida e a língua de chegada para, a partir daí escolher a estratégia de tradução mais adequada. Tais estratégias são denominadas por Ramos-Nogueira (2017) como uma (re)enunciação fraseológica. Segundo esse autor, elas podem se manifestar de diversas maneiras.

Não há como negar que Ramos-Nogueira (2017) bebe da fonte dos grandes pesquisadores dos Estudos da Tradução. O autor admite que para formar seu quadro de estratégias para a tradução das UFs se inspirou nos sete procedimentos da tradução de Vinay e Darbelnet (1995); nos procedimentos técnicos de execução de Vásquez Ayora (1977); nos procedimentos de tradução de Newmark (1992 [1987]); e nos postulados de Baker (2011), entre os quais já se pode notar alguma referência a tradução das construções fixas.

Os postulados de Ramos-Nogueira (2017) servirão de base para nossa adaptação das estratégias e análise.

5 Metodologia

Em um primeiro momento procedeu-se, de modo manual, ao mapeamento das unidades da obra original (versão impressa). Infelizmente, não se tem conhecimento de um *software*, alinhado a um *corpora* que contenha uma quantidade suficiente de parêmiias para o desenvolvimento do presente trabalho.

Posteriormente, procedeu-se a uma classificação dos provérbios, em duas categorias: provérbios sedimentados na língua espanhola e aqueles passíveis de corresponder a uma criação do autor. Para esse fim, foram elaboradas duas planilhas preenchidas com informações importantes a respeito dos provérbios identificados, tais como: sua denominação em espanhol; seu significado; seu correspondente em português (caso houvesse); seu contexto na obra original e na obra traduzida; a estratégia de tradução utilizada, conforme exemplos aleatórios das tabelas a seguir.

Tabela 1 – Provérbios sedimentados na língua espanhola

Provérbios identificados no livro <i>La Familia de Pascual Duarte</i>					
Provérbio em espanhol	Contexto (LP)	Contexto (LC)	Provérbio em português (quando tiver correspondência)	Significado do provérbio	Estratégia utilizada na tradução
Por la boca muere el pez	El pez muere por la boca, dicen (p. 91)	O peixe morre pela boca, dizem (p. 67)	O peixe morre pela boca	O anzol representa o perigo de falar de forma impensada e irresponsável e denunciar a si mesmo.	(Re)enunciação com algum tipo de correspondência (total)
En boca cerrada, no entran moscas	y que en boca cerrada no entran moscas (p. 91)	e que em boca fechada não entra mosca (p. 67)	Em boca fechada, não entra mosca	Mostra a utilidade de estar calado, pois o silêncio evita situações constrangedoras.	(Re)enunciação com algum tipo de correspondência (total)

Fonte de pesquisa: <https://cvc.cervantes.es/lengua/refranero/Busqueda.aspx><https://cvc.cervantes.es/lengua/refranero/Busqueda.aspx>

Fonte: Elaborado pelos autores.

Tabela 2 – Provérbios não sedimentados na língua de partida

Possíveis criações de um novo provérbio na língua de partida			
Provérbio em espanhol	Contexto (LP)	Contexto (LC)	Significado do provérbio
No hay peor odio que el de la misma sangre	En un enemigo rabioso, que no hay peor odio que el de la misma sangre (p. 62)	Em um inimigo raivoso, que não há pior ódio que o do mesmo sangue (p. 44)	Os desentendimentos entre familiares são os piores.
Todo es según nos acostumbramos	Todo es según nos acostumbramos. (p. 133)	Tudo é conforme nos acostumamos (p. 99)	Todas as situações da vida são passíveis de adaptação.

Fonte: Elaborado pelos autores.

No que diz respeito às estratégias tomadas como referência para a análise da tradução das parêmias, procedeu-se a uma adaptação da proposta de Ramos-Nogueira (2017), quais sejam:

- (Re)enunciação com algum tipo de correspondência: total;
- (Re)enunciação com algum tipo de correspondência: parcial;
- (Re)enunciação por meio da possível criação de uma nova parêmia na língua-alvo (decalque lexical); e
- (Re)enunciação com alguma desautomatização (por redução).

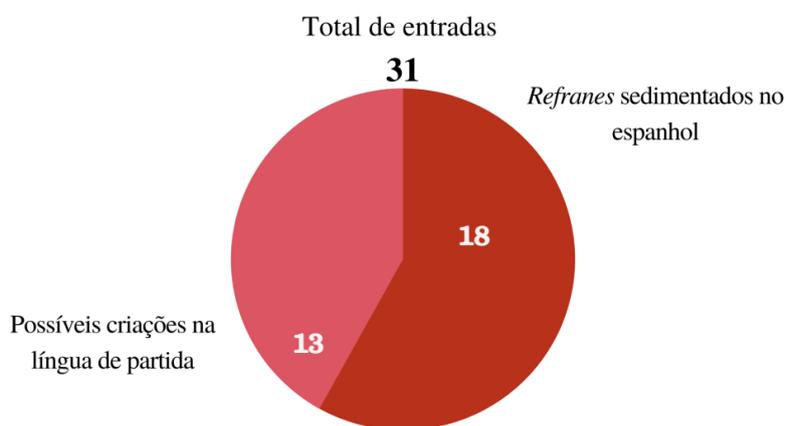
6 Resultados

A análise dos dados nos revelou questões que chamaram nossa atenção em dois quesitos: o nível de excelência no manuseio dos *refranes* espanhóis por parte do autor e as estratégias utilizadas pelo tradutor.

No que diz respeito ao primeiro quesito, notou-se um número considerável de unidades paremiológicas plasmado na obra, se considerarmos que toda a trama não ultrapassa as 194 páginas, originalmente. É preciso esclarecer ainda que o recorte realizado para esta pesquisa contempla apenas os *refranes*, excluindo-se outras categorias que compõem o objeto de estudo da paremiologia.

Desse modo, os *refranes* foram classificados em duas categorias, como já sinalizado anteriormente: a) “*Refranes* Sedimentados no Espanhol”; e b) “Possíveis Criações na Língua de Partida”, de acordo com o que se encontra representado nos gráficos a seguir:

Gráfico 1 – Classificação dos *refranes*



Fonte: Elaborado pelos autores.

Dito de forma mais detalhada, a partir do levantamento realizado, é possível destacar um total de trinta e uma (31) entradas, sendo que dezoito (18) delas são de provérbios sedimentados na língua espanhola. Apresentamos na tabela a seguir uma relação de todos os *refranes* sedimentados na língua espanhola e identificados no texto de partida, sua representação na LC e a estratégia de (re)enunciação utilizada pelo tradutor.

Tabela 3 – Provérbios sedimentados na LP

Provérbios sedimentados no espanhol identificados no livro <i>La Familia de Pascual Duarte</i>			
	Língua de Partida (LP)	Língua de Chegada (LC)	Estratégia utilizada na tradução
1	porque todas las cosas quieren su tiempo (p. 15)	porque todas as coisas requerem seu tempo. (p. 7)	(Re)enunciação com algum tipo de correspondência (total)
2	pero como el cántaro que mucho va a la fuente acaba por romperse (p. 36)	mas como tantas vezes vai o jarro à fonte que um dia se quebra. (p. 24)	(Re)enunciação com algum tipo de correspondência (parcial)
3	ni atajo sin trabajo (p. 36)	nem atalho sem trabalho (p. 24)	(Re)enunciação com algum tipo de correspondência (total)
4	y no por mucho madrugar amanece más temprano. (p. 40)	e não é por muito madrugar que amanhece mais cedo. (p. 27)	(Re)enunciação com algum tipo de correspondência (total)
5	yerba mala nunca muere (p. 48)	erva daninha geada não mata (p. 32)	(Re)enunciação com algum tipo de correspondência (parcial)
6	Dios castiga sin palo y sin piedra (p. 85)	Deus castiga sem pau nem pedra (p. 63)	(Re)enunciação com algum tipo de correspondência (total)
7	ya se sabe, quien a hierro mata... (p. 85)	quem com ferro fere... (p. 63)	(Re)enunciação com desautomatização por redução
8	el que se pica... (p. 91)	quem se pica... (p. 68)	(Re)enunciação com desautomatização por redução
9	El pez muere por la boca (p. 91)	O peixe morre pela boca (p. 67)	(Re)enunciação com algum tipo de correspondência (total)
10	quien mucho habla mucho yerra (p. 91)	quem muito fala muito erra (p. 67)	(Re)enunciação com algum tipo de correspondência (total)
11	en boca cerrada no entran moscas (p. 91)	em boca fechada não entra mosca (p. 67)	(Re)enunciação com algum tipo de correspondência (total)
12	a lo hecho pecho (p. 127)	malfeito, chorar não é proveito (p. 94)	(Re)enunciação com algum tipo de correspondência (parcial)
13	nunca segundas partes fueran buenas. (p. 125)	nunca as segundas partes foram boas (p. 93)	(Re)enunciação por meio da criação de uma nova parêmia na língua-alvo (decalque)
14	a la vejez viruelas (p. 127)	“depois de velho, pegou sarampo”. (p. 95)	(Re)enunciação por meio da criação de uma nova parêmia na língua-alvo (decalque)
15	puse buena cara al mal tiempo (p. 154)	fiz boa cara ao mau tempo (p. 116)	(Re)enunciação por meio da criação de uma nova parêmia na língua-alvo (decalque)

16	nadie nace sabiendo.(p. 124)	ninguém nasce sabendo (p. 92)	(Re)enunciação com algum tipo de correspondência (total)
17	el tiempo todo lo cura (p. 138)	o tempo cura tudo (p. 103)	(Re)enunciação com algum tipo de correspondência (total)
18	mujer de parto lento y con bigote... (p. 41)	mulher de parto lento e com bigode... (p. 28)	(Re)enunciação por meio da criação de uma nova parêmia na língua-alvo

Fonte: Elaborado pelos autores.

Ainda desse total de trinta e uma (31) entradas, treze (13) delas foram identificadas como possíveis criações de um novo *refrán* pelo autor, por apresentarem quase todas as características desse tipo de unidade. Apresentamos na tabela a seguir uma relação de todos os *refranes* não sedimentados na língua espanhola. Em outras palavras, são possíveis criações do autor, as quais apresentamos, seguidas de sua representação na LC e a estratégia de (re)enunciação utilizada pelo tradutor.

Tabela 4 – Possíveis criações do autor

Possíveis criações na língua de partida		
	Contexto (LP)	Contexto (LC)
01	que no hay peor odio que el de la misma sangre (p. 62)	que não há pior ódio que o do mesmo sangue (p. 44)
02	que ni el amor ni el odio fueran cosa de un día (p. 63)	pois nem o amor nem o ódio são coisas de um dia (p. 44)
03	El vino no es buen consejero. (p. 91)	O vinho não é bom conselheiro (p. 67)
04	Todo es según nos acostumbramos. (p. 133)	Tudo é conforme nos costumamos (p. 99)
05	me pareció más conveniente la poda que el pulido. (p. 16)	me pareceu mais conveniente a poda do que o polimento. (p. 8)
06	Hágase lo que está escrito en el libro de los Cielos. (p. 19)	Faça-se o que está escrito no livro dos Céus. (p. 11)
07	Los mismos cueros tenemos todos los mortales al nacer (p. 25)	O mesmo couro temos todos os mortais ao nascer (p. 15)
08	que la confianza es lo que pierde a los valientes (p. 36)	a confiança é o que perde os valentes (p. 24)
09	la única manera de no mojarse es no estando a la lluvia (p. 39)	a única maneira de não se molhar é não sair na chuva (p. 26)
10	¡La mujer que no llora es como la fuente que no mana, que para nada sirve, o como el ave del cielo que no canta! (p. 62)	A mulher que não chora é como a fonte que não mana, que para nada serve, ou como a ave do céu que não canta (p. 44)
11	con un ojo en la vela mientras descansa el otro. (p. 131)	com um olho de sentinela enquanto descansa o outro. (p. 97)
12	Para nada nos vale el apretar el paso al vernos sorprendidos en el medio de la llanura por la tormenta. (p. 116)	De nada nos vale apertar o passo quando nos vemos surpreendidos pela tormenta (p. 86)

13	el querer avanzar contra corriente no es sino vano intento. (p.141)	e querer avanzar contra a corrente é vão intento (p. 106)
----	---	---

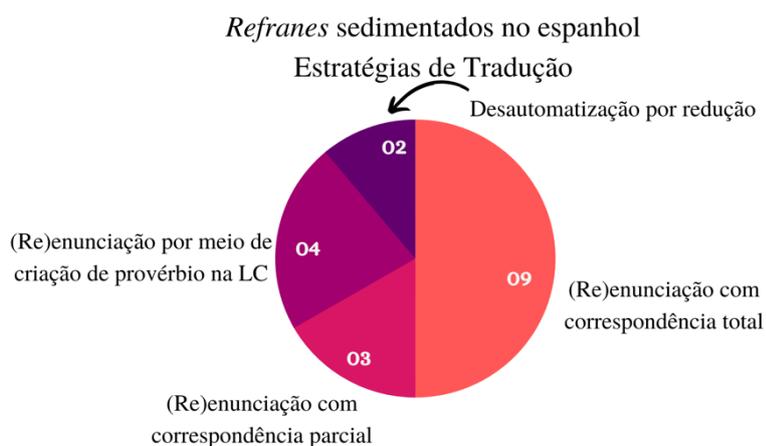
Todas as possíveis criações do autor na LP foram (re)enunciadas por meio da criação de uma nova parêmia na língua-alvo

Fonte: Elaborado pelos autores.

Destaque-se na categoria “Possíveis criações na língua de partida” o termo “possível”. Isso, porque, uma frase dita por um determinado autor, por mais que apresente algumas características de uma parêmia (de modo geral), somente será considerada um novo provérbio à medida que o tempo se encarregue de comprovar que aquela frase passou a ser repetida no discurso de determinada comunidade linguística. Além disso, é preciso que aquela comunidade tenha um acordo tácito de que aquela frase corresponde a um significado conotativo “x”.

Quanto aos *refranes* que já se encontram sedimentados na língua espanhola, foi possível identificar algumas variações por meio das estratégias de tradução (vide Metodologia), a partir de Ramos-Nogueira (2017). Comprovem-se os números no gráfico a seguir:

Gráfico 2 – Estratégias de Tradução



Fonte: Elaborado pelos autores.

O gráfico acima corrobora uma afirmação feita ainda na Introdução deste artigo, no que diz respeito à grande probabilidade de que se estabeleça uma correspondência total entre os provérbios de um par linguístico trabalhado. Vale lembrar que muitas vezes estas unidades provêm de uma cultura compartilhada universalmente, como são os casos da religião e da mitologia greco-latina. Assim, metade dos provérbios já sedimentados em espanhol tiveram sua correspondência total encontrada no português brasileiro. Um panorama geral das estratégias de (re)enunciação paremiológica nos apresenta os seguintes dados:

- **09 entradas com (re)enunciação com algum tipo de correspondência: total.** A totalidade se refere ao fato das unidades coincidirem tanto no que diz respeito ao significado denotativo (as palavras que compõem a unidade), quanto ao significado conotativo (o ensinamento implícito na unidade).

Exemplo: *porque todas las cosas quieren su tiempo*

Esta unidade alude ao fato de que todas as ações exigem um tempo necessário para que se realizem.

Texto de partida – Espanhol	Texto de chegada – Português
<i>Haberlas dado antes hubiera sido quizás un poco precipitado; no quise acelerarme en su preparación, porque todas las cosas quieren su tiempo</i> (p. 15)	Publicá-las antes teria sido talvez um pouco precipitado; não quis apressar-me em sua preparação, porque todas as coisas requerem seu tempo. (p. 7)

- **03 entradas com (re)enunciação com algum tipo de correspondência: parcial.** A parcialidade se refere ao fato de que pode ser que coincida apenas um dos significados: denotativo (as palavras que compõem a unidade), ou conotativo (o ensinamento implícito na unidade).

Exemplo: *yerba mala nunca muere*

Esta unidade, de uso atual e variante de *Bicho malo nunca muere* pode ser usado tanto para indicar que uma pessoa que seja má, continua sendo má, quanto também para animar alguém num contexto de convalescência.

Texto de partida - Espanhol	Texto de chegada - Português
<i>Como ya dice el refrán, yerba mala nunca muere</i> (p. 48)	Como bem diz o refrão, erva daninha geada não mata (p. 32)

Ao todo, foram encontradas doze entradas com correspondência total ou parcial, representando mais de cinquenta por cento dos provérbios mapeados no texto de partida.

- **04 entradas com (re)enunciação por meio da criação de uma nova parêmia na língua-alvo.** Guardadas as devidas considerações já mencionadas, a criação de uma parêmia na língua-alvo pode ocorrer quando a unidade em questão não esteja sedimentada naquele contexto de chegada e o tradutor decida inseri-la por meio do decalque lexical da UF original.

Exemplo: *nunca segundas partes fueran buenas*

Esta unidade é apenas uma entre as muitas parêmiias difundidas por Miguel de Cervantes, em Dom Quixote, desta vez pela boca de seu personagem Sansón Carrasco. De acordo com *El Refranero Multilíngue* do Centro Virtual Cervantes, esta parêmia é utilizada na atualidade para se referir à nova modalidade de lançamento de um filme de grande sucesso de bilheteria, em partes (1^a, 2^a, 3^a partes, como O Senhor dos Anéis, por exemplo).

Texto de partida - Espanhol	Texto de chegada - Português
<i>No otro arreglo tendría el asunto sino romper los papeles para reanudar la escritura, solución de la que escapo como del peligro por eso de que nunca segundas partes fueran buenas.</i> (p. 125)	Não há outro jeito senão rasgar os papéis para retomar a escritura, solução da qual fujo como do perigo, porque nunca as segundas partes foram boas. (p. 93)

Em um caso como este, fica claro que a origem da parêmia não é brasileira, mas oriunda de um grande clássico da literatura espanhola. Por ser reconhecida tanto por brasileiros quanto por qualquer cidadão de qualquer origem que seja, com um mínimo de conhecimento sobre literatura, o tradutor poderá introduzir a parêmia em seu texto de chegada, por meio do decalque, sem correr o menor risco de ser incompreendido.

- **02 entradas com (re)enunciação com alguma desautomatização.** Em geral as UFs são, pela sua própria natureza, automatizadas. Entretanto, é possível que sejam desautomatizadas em alguma manipulação do autor, seja por redução, acréscimo, ou outras possibilidades (Cf. RAMOS-NOGUEIRA, 2017).

Exemplo: *quien a hierro mata...*

Esta unidade em sua versão original e completa corresponde a *Quien a hierro mata a hierrro muere*. De uso atual, tem como lição principal a reciprocidade e alerta que quem causa um mal a alguém poderá vir a sofrer esse mesmo mal por parte de outras pessoas.

Texto de partida - Espanhol	Texto de chegada - Português
<i>ya se sabe, quien a hierro mata...</i> (p. 85)	como se sabe, quem com ferro fere... (p. 63)

Neste caso, especificamente, houve uma redução da parêmia *Quien a hierro mata a hierrro muere*, isto é, a segunda parte não é expressa. Como em outros casos de (re)enunciação com uma desautomatização por redução, supõe-se que o falante tanto da língua de partida, quanto da língua de chegada saberia, implicitamente, qual seria a outra parte que compõe esse tipo de provérbio bimembre.

Tendo em vista a proximidade da cultura e das línguas analisadas: espanhol e português, percebeu-se um número expressivo de correspondentes totais e parciais na lín-

gua de chegada. Outra possibilidade de análise desse fenômeno decorre, possivelmente, do fato de que muitos *refranes* têm sua origem em aspectos da cultura universalmente compartilhada, tais como a religião, a mitologia, a moral, entre outras possibilidades, como já mencionado.

Considerações finais

Os números revelados pelos gráficos de nossa pesquisa só fazem confirmar o que era, no início, apenas uma desconfiança. Dito de outro modo, identificou-se, ao longo da obra *La familia de Pascual Duarte* um amplo uso das parêmsias do tipo *refranes*, de forma a corroborar a hipótese de que esse tipo de frase feita é um importante instrumento de representação da oralidade e da sabedoria popular no estilo literário de Camilo José Cela.

Do mesmo modo, o total domínio de sua língua materna, aliado a um refinado senso criativo, permitiu ao autor apresentar-nos algumas novas construções sob o formato de parêmsia, ainda que carentes de elementos tais como fixação e convencionalidade. Afinal, entre os estudiosos da área, é senso comum que qualquer unidade fraseológica precisa ser reconhecida pelos falantes de uma determinada língua. Tal unidade deve estar presente em sua fala cotidiana, assim como seu significado conotativo precisa ser aceito por esses mesmos falantes. Somente a partir do reconhecimento desses dois aspectos, é possível afirmar que determinada frase é, de fato, uma construção fixa.

Para além dessas questões teóricas, é importante reconhecer ainda que há um grande abismo entre os estudos paremiológicos espanhóis e brasileiros. Se, por um lado, a paremiologia pode ser considerada uma área relativamente desenvolvida em língua espanhola, por outro, é preciso reconhecer, infelizmente, que são relativamente escassos os estudos desse campo em território brasileiro. Talvez por esse motivo, ainda haja dificuldade em encontrar definições precisas e consensuais sobre os termos estudados neste ramo de pesquisa. A escassez desse tipo de estudos no Brasil também se revela na timidez com que o tema é abordado pelos Estudos da Tradução. Apesar de tudo, na avaliação de Álvarez (2012), houve um crescimento constante dos estudos sobre a paremiologia a partir de 1990.

A partir de uma perspectiva cultural, os *refranes* são uma ferramenta que encerra além de um domínio linguístico, também uma visão de mundo de uma sociedade, sua forma de pensar e viver, seu passado e seu presente. Vistos dessa forma, é fundamental para o tradutor ser capaz de identificá-los entre as muitas construções livres de um texto. Do mesmo modo, é preciso contextualizar suas ocorrências, buscar a estratégia mais adequada para dizê-las novamente na língua de chegada.

Assim, é imperioso que se incrementem as pesquisas nessa área, a fim de que se desconstrua de uma vez por todas a crença de que as frases feitas, de um modo geral, não merecem atenção por parte das instituições de ensino, por fazerem parte do registro coloquial de uma língua. Nesse sentido, espera-se que este trabalho sirva como incenti-

vo para que outros pesquisadores invistam em mais estudos que envolvam a paremiologia em interface com Os Estudos da Tradução. Assim, tanto os paremiólogos, quanto os profissionais do ensino e aprendizagem de línguas, quanto os tradutores profissionais e aqueles ainda em formação poderiam contar com mais materiais para consulta.

Referências

ABOLATA, Ahmed Abdelaziz. *Estudio paremiológico contrastivo de El Quijote y su traducción al árabe de 'Abd al-Rahmān Badawī*. Tese (Doutorado). Sevilla: Universidad Pablo de Olavide de Sevilla, 2016.

ÁLVAREZ, Maria Luisa Ortiz. Estudos fraseológicos no Brasil: Estado da Arte. In: ÁLVAREZ, Maria Luisa Ortiz (Org.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia* – volume 1. São Paulo: Pontes, 2012, p. 355-387.

BAGHDASARIÁN, Hasmik. Algunas consideraciones en torno a los procedimientos de traducción de refranes y proverbios. *Revista ALEA*, v. 19, n. 3, 2017, p. 494-509. <https://revistas.ufrj.br/index.php/alea/article/view/20145/11707>. Acesso em: março de 2022.

BAKER, Mona. *In Other Words: A Coursebook on Translation*. 2. ed. London & New York: Routledge, 2011.

CASARES, Julio. *Introducción a la lexicografía moderna*. 3. ed. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1992.

CATFORD, John Cunninson. *Uma Teoria Linguística da Tradução* (Centro de Especialização de Tradutores de Inglês do Instituto de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, trad.). São Paulo: Editora Cultrix, 1980.

CENTRO VIRTUAL CERVANTES. *Refranero multilingüe*. Disponível em: <https://cvc.cervantes.es/lengua/refranero/>. Acesso em: junho de 2021.

CELA, Camilo José. *La familia de Pascual Duarte*. 1. ed., Plaza & Janes Editores, S.A., 2001.

CELA, Camilo José. *A família de Pascual Duarte*. Tradução de Janer Cristaldo. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CERVANTES, Miguel de. *Don Quijote de la Mancha*. Madrid: Alfaguara, 2004.

CHACOTO, Lucília. Fraseoparemiologia e Tradutologia. In: ÁLVAREZ, Maria Luisa Ortiz (Org.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia* – volume 1. São Paulo: Pontes, 2012 p. 213-227.

CHACOTO, Lucília. O Lugar dos provérbios na lusofonia. Em: DIMITROV, P. P. (Org.). *Colóquio Internacional "Lugares da lusofonia"*. Lisboa: Edições Colibri, p. 161-174, 2010.

CORPAS PASTOR, Gloria. *Manual de fraseología española*. Madrid: Editorial Gredos, 1996.

CORRESPONDENTE. In: Houaiss. 2008-2021. Disponível em: <https://houaiss.uol>.

com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#0. Acesso em: 06 jul. 2022.

CRUZ, Thyago José da. *Os provérbios, a categoria mulher e o protótipo: um estudo sobre Fraseologia, categorização e imagem cognitiva*. Dissertação (Mestrado em Estudos de linguagens). Fundação Universidade Federal De Mato Grosso Do Sul, Campo Grande, 2012.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

GARCÍA-PAGE SÁNCHEZ, Mario. Propiedades lingüísticas del refrán (I). *Epos: Revista de ilología*, v. 6, 1990. Disponível em: <https://doi.org/10.5944/epos.6.1990.9675>. Acesso em: fevereiro de 2022.

GARCÍA-PAGE SÁNCHEZ, Mario. Propiedades lingüísticas del refrán (II): El léxico. *Revista Paremia*, n. 6, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.5944/epos.6.1990.9675>. Acesso em: fev. 2022.

MOUNIN, Georges. Deve o estudo científico da operação de traduzir constituir um ramo da Linguística. In: *Os problemas teóricos da tradução*. Tradução de H. L. Dantas. São Paulo: Cultrix, 1975. p. 21-27c [1963].

MUNIZ, Cleuza Andrea Garcia. *O tratamento das parêmiias populares de La Celestina nas traduções de Paulo Hecker Filho (1990) e Millôr Fernandes (2008)*. Tese (Doutorado). Três Lagoas-MS: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2020.

NEWMARK, Peter. *Manual de Traducción*. Traducción de V. Moya. Madrid: Ediciones Cátedra, 1992 [1987].

RAMOS-NOGUEIRA, Luis Carlos. *La traducción de la fraseología en la obra de Carlos Ruiz Zafón en el par lingüístico español-portugués*. Universidad de Granada, 2017. Tese de Doutorado. Disponível em: <https://digibug.ugr.es/handle/10481/47400>. Acesso em: fev. 2022.

SNELL-HORNBY, Mary. 1999. *Estudios de traducción: Hacia una perspectiva integradora* (A.S. Ramírez, trad.). Salamanca: Ediciones Almar, 1999.

SEVILLA MUÑOZ, Julia. Trayectoria de los estudios paremiológicos. In: ÁLVAREZ, María Luisa Ortiz (Ed.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. v. 1. Brasil: Pontes Editores, 2012. p. 119-138.

SEVILLA MUÑOZ, Julia; CRIDA ÁLVAREZ, Carlos Alberto. Las paremiias y su clasificación. *Revista Paremia*, n. 22, p. 105-114, 2013. https://cvc.cervantes.es/lengua/paremia/pdf/022/009_sevilla-crida.pdf.

TRISTÁ PÉREZ, Antonia María. *Fraseología y contexto*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1988.

VÁZQUEZ-AYORA, Gerardo. *Introducción a la traductología: Curso básico de traducción*. Washington D.C.: Geogertown University Press, 1977.

VINAY, Jean-Paul; DARBELNET, Jean. *Comparative Stylistics of French and English: A Methodology for Translation*. Translated by J. C. Sager and M. J. Hamel. Amsterdam /Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995 [1958].

ZULUAGA, Alberto. *Introducción al estudio de las expresiones fijas*. Frankfurt a.M., Bern, Cirencester/U.K.: Lang, 1980.

ZULUAGA-OSPINA, Alberto. Análisis y traducción de unidades fraseológicas desautomatizadas. *PhinN*, n. 16, p. 67-83, 2001. Disponível em: <http://web.fu-berlin.de/phin/phin16/p16t5.htm>. Acesso em: março de 2022.

